



10º Simposio de Ensino de Graduação

DIGITALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS ASSOCIADAS À INTERNET

Autor(es)

RENATO DE FREITAS EVANGELISTA

Orientador(es)

BELARMINO CESAR G. DA COSTA

1. Introdução

O objeto de análise pesquisado refere-se a uma matéria veiculada no site da revista “Carta Capital”, especializada em política, economia, negócios e variedades. A matéria intitulada “A Internet nunca esteve tão ameaçada”, diz co-fundador do Google”, foi publicada dia 16/05/12, e foi selecionada para problematizar a relação entre tecnologia, arte e controle de informação. A pesquisa em questão trata de experiência de ensino relacionada à disciplina de Estética e Cultura de Massa que, a partir de fundamentos teóricos na área de comunicação, arte e tecnologia, busca interpretar, a partir da análise de mídia, situações afetas ao uso de novas plataformas para a criação artística e de linguagem.

A digitalização da informação proporciona novas experiências estéticas ao homem, e hoje, a plataforma principal dessa nova realidade é a Internet. A matéria em questão faz-se pertinente devido à contemporaneidade do assunto. A internet desempenha papel fundamental como veículo de comunicação social. Não houve na história das tecnologias algo parecido com a Internet. Sua capacidade de englobar numa única “plataforma” diversas mídias (texto, som, vídeo, infográficos, entre outros), permitiu que a mesma sofresse um crescimento nunca antes vivenciado por qualquer outra mídia como televisão, rádio ou jornais impressos.

2. Objetivos

O objetivo deste trabalho é criar um paralelo entre a realidade vivenciada cotidianamente com as teorias formuladas por Diana Domingues (1997). A perspectiva é abordar a tentativa de censura online, através de legislações como o SOPA-Stop Online Piracy Act (Lei de Combate à Pirataria Online), nos Estados Unidos, com teorias acadêmicas. Muitas vezes, estas tratam das tecnologias como a salvação para a democracia e liberdade de expressão, além de associá-las aos avanços na forma da percepção humana, sem abordar, em contrapartida, aspectos relacionados com o controle da informação por parte dos organismos estatais.

Como a tentativa de se criar legislações específicas para a Internet podem nortear e confirmar, ou desmentir estudos voltados para a era digital? Conceitos que atentam para uma transformação da mente humana por conta de novas experiências estéticas atreladas à arte online e à cibercultura são realmente pertinentes? Ou não passam de especulação? Buscar respostas para o entrave entre o estudo e a realidade é em linhas gerais o que se pretende aqui. Outro ponto a ser demonstrado é a interferência do estado na liberdade de expressão digital por meios nem sempre explícitos.

3. Desenvolvimento

Como diz Diana Domingues (1997: pág. 15): “A história mostra que as civilizações nunca voltaram para trás, que as descobertas e inventos são acumulados e servem de background para outros inventos”. Podemos deduzir, portanto, segundo tal tese, que estamos tratando nesse caso, de um formato de tecnologia irreversível e que tende a se desenvolver cada vez mais. A tendência natural é essa, porém, cabe aqui, discutirmos outras implicações atreladas a essa tecnologia de comunicação tão nova e tão obscura quanto ao seu futuro.

Domingues aborda de forma otimista o uso das novas plataformas de mídia e a questão da interação. Ela faz uma defesa das “tecnologias como amplificadores dos sentidos humanos e capacidade de processamento de informações” (DOMINGUES: 1997: pág. 15). Discorre ainda sobre a novidade da arte quando interage com os mais diversos tipos de tecnologias, entre eles, o satélite, os modems, o ciberespaço, a própria internet e tudo isso mobilizando a percepção e inteligência do homem (o orgânico com o inorgânico; o homem com a máquina). Para ela, “a arte que se faz com tecnologias interativas tem como pressupostos básicos a mutabilidade, a conectividade, a não linearidade, a efemeridade, a colaboração. A arte tecnológica interativa pressupõe a parceria, o fim das verdades acabadas, do imutável, do linear” (DOMINGUES: 1997 pág.19). Com esse ponto de vista, a Internet é tida como a principal fonte proliferadora dessa nova forma de pensar/interagir arte. Acrescenta que “a forma mais conhecida de circulação da arte na rede está sendo permitida pela Internet: que faz proliferar os websites artísticos, muitos deles com possibilidades de interação. Nessa perspectiva se colocam os netmuseus, as netgalerias, os netmagazines que disseminam informações sobre arte. É a rede como um espaço sociocultural aberto.”, pontua DOMINGUES (1997, pp.20-21). Com isso, a autora entende que essa interação homem máquina “altera a capacidade da mente de processar informações, ampliando o campo de percepção, expandindo a inteligência humana” e termina prevendo que num futuro próximo cada homem poderá dizer a si mesmo: “eu sou na medida de minhas conexões” – (Cf.: DOMINGUES: 1997, p. 26).

4. Resultado e Discussão

É exatamente nesse ponto que podemos traçar um paralelo dos conceitos de Diana com a realidade. As teses da autora, apesar de ainda cedo para afirmarmos se real, são pertinentes, e isso vem preocupando autoridades que não tem interesse numa sociedade com maior capacidade de percepção ou numa sociedade mais “inteligente” e preparada intelectualmente.

A polêmica começa nos Estados Unidos com o projeto de lei SOPA, que pretende manter a propriedade intelectual e barrar a liberdade do uso da informação na Internet. Na matéria analisada, Sergey Brin, co-fundador do Google diz que “as interferências dos governos e as políticas da Apple e do Facebook são a maior ameaça à Internet aberta em toda a sua história”. “Existe um alinhamento de forças poderosas contra a Internet aberta em todo o mundo”. Segundo Brin, “haverá um rígido controle das empresas, dos softwares que podem ou não ser usados em suas plataformas”. Ele ainda coloca que “tais restrições colocam em risco as inovações da Internet”.

Podemos estar chegando à era real do Big Brother, imaginado por George Orwell, no romance “1984”, no qual faz críticas aos sistemas políticos autoritários e que se caracterizam pela restrição da liberdade de expressão e de organização partidária. Apesar de a Internet ser um meio de propagação da informação como imagina Domingues (1997), a mesma poderia ser utilizada para rastreamento de informação sobre a privacidade e o perfil do usuário, ou seja, um instrumento também voltado para vigilância por parte do Estado e de censura. Eis a questão: existiria a era da Ditadura da Informação e o comprometimento da liberdade digital?

Obras de arte impregnadas de conceitos que ajudariam no avanço e desenvolvimento da mente humana podem ser simplesmente excluídas do mundo digitalizado, tornando inacessível sua divulgação e a experimentação das pessoas para com essas novas temáticas. A nova ordem ditaria o que “eles”, grupo político do momento, julgariam ser bom ou ruim para a sociedade. Seria a Censura da Informação digitalizada.

Já tivemos em outros momentos da história mundial e brasileira, conjunturas muito parecidas com essa, que, resume-se, na interferência do estado naquilo que o mesmo considera como sendo um “perigo” para a ordem natural das coisas. Na ditadura brasileira, por exemplo, artistas que produziam obras não alinhadas ao discurso do governo foram exilados ou persuadidos. Vide Chico Buarque, Caetano Veloso, José Celso Martinez Correa, entre outros. O medo dos homens “donos do poder” é estarem criando condições para se ter uma sociedade mais perceptiva e questionadora, o que levaria, conseqüentemente, a maior consciência de seus direitos.

A censura da informação no ciberespaço já vem sendo utilizada em países de regime político fechado como a China, Coréia do Norte e a Rússia. Agora Estados Unidos, Reino Unido e Brasil se manifestam com iniciativas similares em seus órgãos legislativos, e o fazem com a desculpa das questões autorais. Os governos se atentaram ao poder destes meios de organizar as pessoas e estão tentando reprimi-los mundo afora.

5. Considerações Finais

Tal situação coloca em cheque a idéia de que “a presença decisiva das tecnologias em nosso ambiente indica que o homem está reinventando a vida e determinando outra natureza para a espécie” como pensa Domingues (1997: pp 29-30). Talvez, a autora não tenha contado com a interferência nesse processo de interesses outros de governos e mandantes. Corremos o risco de retroceder na história. Corremos o risco de em breve, apesar das tecnologias, cada homem dizer a si próprio: “eu sou na medida de minhas conexões, limitadas pelo meu governo”. Não exatamente com essa percepção. Não exatamente como imagina Diana Domingues.

Referências Bibliográficas

A INTERNET nunca esteve tão ameaçada, diz co-fundador do Google. Revista Carta Capital. São Paulo, 16 abril 2012. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-internet-nunca-esteve-tao-ameacada-diz-co-fundador-do-google/> Acesso em: 20/05/2012.

DOMINGUES, Diana, “Arte no Século XXI – A Humanização das Tecnologias”. São Paulo, Editora Unesp, 1997.

ORWELL, George. “1984”. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978.